

O Poder Transformador de *Beyoncé*: Um olhar sobre seu impacto na Comunidade Negra e no Letramento Racial, a partir de um estudo de caso de “*Black is King*”¹

Arthur Aragão SOUZA²

Dirceu Martins ALVES³

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

Este trabalho analisa o impacto cultural, político e educacional da obra *Black is King* (2020), da artista *Beyoncé Knowles-Carter*, como ferramenta de letramento racial e valorização da identidade negra. Com base na abordagem qualitativa, análise crítica do discurso e em referenciais da comunicação, dos estudos culturais e da educação antirracista, a pesquisa demonstrar como elementos estéticos, simbólicos e narrativos da obra contribuem para a ressignificação da negritude no imaginário social e da autoestima da comunidade negra. A interseção entre arte, mídia e ativismo, faz de Beyoncé uma agente transformadora na luta contra o racismo estrutural.

PALAVRAS-CHAVE: Beyoncé; letramento racial; comunicação; identidade negra; *Black is King*.

INTRODUÇÃO

Lançada em meio ao contexto global da pandemia de COVID-19 e ao fortalecimento do movimento *Black Lives Matter*, a obra “*Black is King*” se destaca por articular, de maneira contundente, arte e a política. Ao ressignificar símbolos da diáspora africana e promover um protagonismo negro positivo, Beyoncé mobiliza sua influência midiática para além do entretenimento. Seu projeto, concebido como uma extensão visual do álbum *The Lion King: The Gift*, emerge como um poderoso manifesto de identidade, ancestralidade e futuro negro.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GTNE03-Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Estudante do curso de Graduação em Comunicação Social-Rádio, TV e Internet da UESC, email: aasouza.rti@uesc.br

³ (Orientador) - Professor Titular do DLA/UESC, Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet, email: dmalves@uesc.br

Vivemos em uma sociedade marcada por desigualdades históricas, em que a imagem do povo negro ainda é atravessada por estigmas negativos e apagamentos. Nesse cenário, produções como *Black is King* surgem como resposta simbólica e estética à supremacia branca que moldou a história da comunicação ocidental. O projeto de Beyoncé contribui para uma virada de chave na representação de corpos e culturas negras, construindo, com sofisticação, uma narrativa que celebra as origens africanas e valoriza a multiplicidade de experiências negras.

Este estudo propõe refletir sobre o papel da arte como instrumento de transformação social e formativo, especialmente em sua capacidade de educar para a equidade racial por meio da sensibilização estética e afetiva, mais do que uma análise sobre *Beyoncé* como figura pública, o foco recai sobre o conteúdo de sua obra e sua potência como ferramenta de construção identitária e letramento racial.

METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu a partir de uma abordagem qualitativa, ancorada na análise crítica do discurso (FAIRCLOUGH, 2001) e na análise de conteúdo (BARDIN, 2011). A obra *Black is King* foi examinada em sua totalidade audiovisual, considerando aspectos como composição imagética, estética visual, narrativa simbólica, figurinos, coreografias e intertextualidades presentes nas letras e cenas.

O estudo também contou com uma revisão bibliográfica centrada em autores que discutem identidade racial, comunicação, arte negra e práticas educativas decoloniais. A análise foi guiada por categorias temáticas como ancestralidade, representatividade, empoderamento estético e discurso político, sempre buscando articular os elementos da obra com a realidade sociocultural da população negra no Brasil e na diáspora.

Por fim, foram estabelecidos paralelos com outras produções culturais afrocentradas, tanto brasileiras quanto internacionais, para verificar como *Black is King* dialoga, tensiona ou amplia repertórios já existentes no campo da arte negra contemporânea.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito de letramento racial, amplamente discutido por Djamila Ribeiro (2019), refere-se à capacidade de compreender criticamente os mecanismos de produção e

manutenção do racismo nas estruturas sociais, culturais e institucionais, ele envolve uma educação para a consciência racial, que não se limita à aquisição de informação, mas exige transformação subjetiva e mudança de atitudes. *Black is King* contribui para esse processo ao operar como uma plataforma educativa sensível, que promove o reconhecimento, a valorização e a autoestima da população negra por meio de uma estética afirmativa e sensível, ao estimular criadores e produtores no campo da arte do audiovisual a se imaginarem produzindo e ocupando espaços devidamente por direito.

Beyoncé dialoga diretamente com os estudos decoloniais, sobretudo os de Achille Mbembe (2018), ao propor uma reescrita da história negra centrada na dignidade, beleza e espiritualidade. A artista adota a linguagem do afrofuturismo — uma estética que mescla passado, presente e futuro em uma cosmologia negra emancipatória, conforme analisa DuCille (1994). Essa abordagem projeta novas possibilidades de existência, autonomia e pertencimento para corpos historicamente marginalizados.

Bell hooks (2019) reforça a ideia de que a cultura popular é um território crucial de disputa ideológica. Ocorre algo positivo na sociedade quando artistas como Beyoncé, visivelmente uma potência, reconfigura os sentidos da negritude em espaços de alta visibilidade, realizando um movimento também pedagógico de transgressão. Nilma Lino Gomes (2017) também contribui com a noção de que a educação acontece em múltiplos espaços, e que a arte pode ser um dispositivo de formação política. Nesse sentido, *Black is King* se inscreve como um ato de ensino, ao mesmo tempo sensível e provocador, que desafia as convenções racistas cristalizadas nas representações midiáticas que por maioria das vezes são valorizadores destes posicionamentos.

ANÁLISE DA OBRA *BLACK IS KING*

A proposta narrativa de *Black is King* acompanha a trajetória de um jovem príncipe negro, desde seu nascimento até sua maturidade como líder, interpretado por Folajomi Akinmurele. Sua jornada, inspirada na estrutura de *O Rei Leão*, é reinterpretada a partir de valores, símbolos e cosmovisões africanas. A construção de um universo onde a realeza negra é naturalizada, celebrada e inserida no centro da narrativa, como na inversão dos valores sociais estruturais raciais, como na maior parte das composições das cenas, criando assim um local de pertencimento.

A estética visual da obra é marcada por uma exuberância calculada, que valoriza os tecidos africanos, as paletas de cores quentes, os adereços e as paisagens que dialogam com tradições culturais do oeste africano. Cada composição de cena é uma celebração simbólica que desafia o olhar colonizador, rompendo com representações caricaturais e miserabilistas da África frequentemente veiculadas no Ocidente.

A dimensão mitológica da obra se expressa por meio de arquétipos como a Mãe Divina, o Guerreiro e o Rei Espiritual, em referência a tradições iorubás, bantu e outras matrizes africanas. A presença de orixás e elementos ritualísticos reforça o elo espiritual que atravessa a narrativa, ressignificando práticas religiosas muitas vezes demonizadas pela cultura eurocêntrica, que também se faz presente no Brasil.

A artista também confere centralidade à mulher negra, subvertendo a lógica patriarcal. Suas personagens são mães, líderes e deusas, evidenciando uma construção de feminilidade negra empoderada e plural. A presença de *Blue Ivy* (sua filha) em várias cenas, agrega uma camada intergeracional ao discurso, reforçando o papel da memória e da herança cultural como fios condutores da identidade.

No aspecto musical, *Black is King* reúne artistas africanos contemporâneos, promovendo uma espécie de ponte atlântica entre diásporas e ancestralidade. A inserção de línguas africanas e ritmos locais no *mainstream pop* é uma estratégia de territorialização simbólica, que contribui para ampliar os horizontes da cultura negra global e desconstruir a indústria que na maioria das vezes colocam as pessoas negras como excesso de excludência, não por relevância, e sim por raça e cor, pela forma em que a sociedade pratica o racismo. A semiótica e o simbolismo, são ferramentas essenciais nesta produção audiovisual, como o significado de suas letras, retratando a realidade que até a própria Beyoncé, interpassa estes caminhos, por ela fazer parte do setor Musical como Cantora e Produtora, o quão difícil é para uma mulher negra ter o seu local de propriedade, devido a problemas estruturais e ideológicos do campo social.

IMPACTO SOCIAL E EDUCATIVO

Desde seu lançamento, *Black is King* provocou debates importantes nas redes sociais, na mídia e em espaços acadêmicos. Muitos educadores passaram a utilizar trechos da obra em sala de aula como forma de abordar temas relacionados à identidade,

ao racismo e à história africana de maneira crítica e sensível. Em especial, escolas com estudantes negros relataram um aumento na identificação dos alunos com o conteúdo e uma valorização de suas referências culturais.

O impacto da obra também é observado no campo da moda, da música e da produção de conteúdo digital, com jovens criadores se inspirando na estética e nos discursos da cantora para propor novas narrativas sobre a negritude. O trabalho da artista mobiliza um sentimento de pertencimento e orgulho racial que atua diretamente sobre o imaginário coletivo, como aponta Silvio Almeida (2020), ao destacar que o combate ao racismo precisa ocorrer também no campo simbólico.

Black is King ainda amplia o escopo do discurso afro-americano ao dialogar com realidades do sul global, promovendo uma noção de pan-africanismo cultural que valoriza as especificidades locais sem renunciar à solidariedade histórica entre os povos negros. Nesse sentido, a obra opera como um dispositivo de reconexão identitária que vai além da estética: ela propõe uma ética do cuidado, da resistência e da afirmação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Black is King é, acima de tudo, uma obra de afirmação e reexistência. Sua força está na capacidade de articular beleza e política, estética e ancestralidade, arte e educação. Beyoncé assume um papel de liderança cultural que transcende o entretenimento, propondo uma nova gramática vívida de poder e pertencimento para a população negra. Sua obra nos convida a imaginar outros mundos possíveis, em que os corpos negros são livres, respeitados e celebrados. Ao operar como uma tecnologia de letramento racial, *Black is King* reafirma o poder da cultura como ferramenta de disputa simbólica e construção de subjetividades.

A potência do projeto está em sua capacidade de dialogar com diferentes públicos, provocando reflexão, orgulho e ação. Ao colocar o negro no centro da narrativa, Beyoncé contribui para a construção de um novo imaginário coletivo — mais justo, mais sensível, mais plural e justo. Vivemos em um contexto de profundas desigualdades raciais, marcado por um racismo estrutural que atravessa os sistemas de ensino, os meios de comunicação, o mercado de trabalho e as relações cotidianas. Nesse cenário, a arte se consolida como um espaço potente de resistência e reeducação. Quando uma

obra atinge escala global e consegue sensibilizar públicos diversos, ela promove deslocamentos importantes na maneira como os corpos negros são percebidos socialmente — não mais como objeto de dor ou subalternidade, mas como sujeitos de beleza, dignidade e poder.

As contribuições de Beyoncé para este âmbito não se restringem à sua produção artística, sua atuação política, empresarial e filantrópica reforça a responsabilidade que figuras públicas negras assumem — muitas vezes de forma solitária — ao preencherem o vácuo de representatividade e assumirem o papel de intelectuais orgânicos. Trata-se de uma liderança que mobiliza emoções, valores e narrativas, colaborando com a formação crítica de públicos que, por muito tempo, estiveram excluídos dos centros produtores de sentido.

Ao incorporar referências da ancestralidade africana, da espiritualidade preta e da cultura popular em um só projeto, a obra nos convida a repensar o que entendemos por educação, comunicação e arte, rompendo com as dicotomias entre saber erudito e saber popular, entre estética e política, entre emoção e razão. Seu impacto não está apenas no que mostra, mas no que provoca: orgulho, pertencimento, consciência e desejo de transformação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Pólen, 2020.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- DILLARD, Cynthia B. *On Spiritual Strivings: Transforming an African American Woman's Academic Life*. Albany: SUNY Press, 2006.
- DUCILLE, Ann. "Dyes and Dolls: Multicultural Barbie and the Merchandising of Difference." *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, vol. 6, no. 1, 1994.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001.
- GOMES, Nilma Lino. *Educação e Identidade Negra: Pesquisa e formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.